

COLEÇÃO
EXPLICANDO
GÊNERO



BEM-VINDA AO BREJO!

UTILIDADES
SAPATÔNICAS

Renata Porcellis

Kai Krause

Atena
Editora
Ano 2024

BEM-VINDA AO BREJO!

UTILIDADES SAPATÔNICAS

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Consultoras

Eliandra da Silva Cedrés

Quetelim Andreoli Teixeira

2024 by Atena Editora

Editora chefe	Copyright © Atena Editora
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
Editora executiva	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

Bem-Vinda ao Brejo! Utilidades Sapatônicas

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Consultas

Eliandra da Silva Cedrés

Quetelim Andreoli Teixeira

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Bem-vinda ao brejo! Utilidades sapatônicas / Renata Porcellis, Kai Krause; Consultoras Eliandra da Silva Cedrés, Quetelim Andreoli Teixeira. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2772-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.728242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+. 4. Orientação sexual. I. Porcellis, Renata. II. Krause, Kai. III. Cedrés, Eliandra da Silva (Consultora). IV. Teixeira, Quetelim Andreoli (Consultora). V. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

CO
LE
ÇÃO

EXPLICANDO
GÊNERO

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

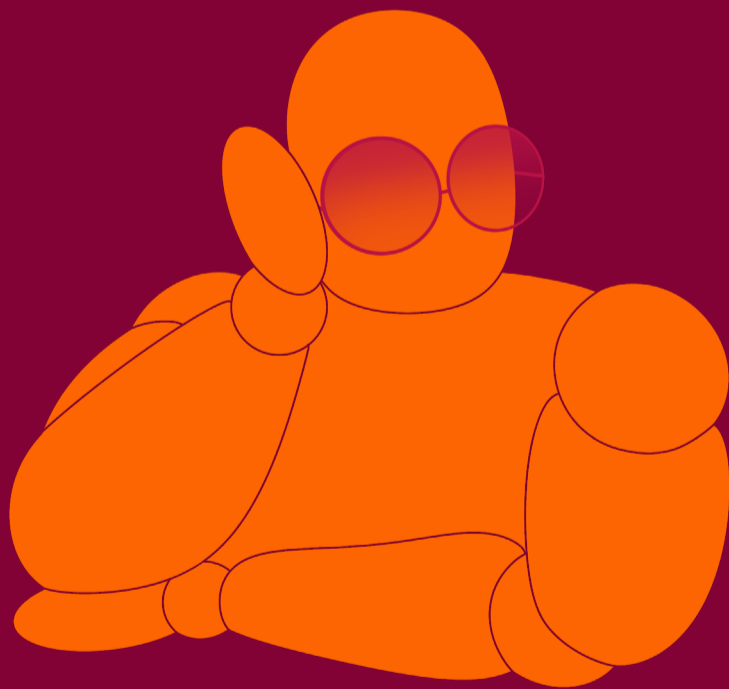
BEM-VINDA AO BREJO!

UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

**VULVA, MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Não te assusta! Não é tão difícil de entender.

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Pequeno guia de bolso pra quem tá muito perdida.

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Rebuceteio: é de dar nó na cabeça!

4. CAÔ X FATO

Os vários jeitos de ser lésbica.

5. BABADO FORTE

Gírias e símbolos para conhecer o universo sapatônico mais de perto.

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

Pra quê essa briga?

7. PRA COLAR NA PROVA

Palavras grandes nem sempre são difíceis!

8. PRA STALKEAR GERAL

Se você também acha que maratona de séries é esporte, sim.

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

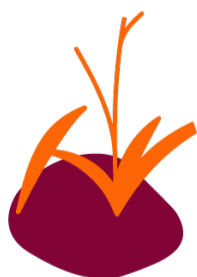
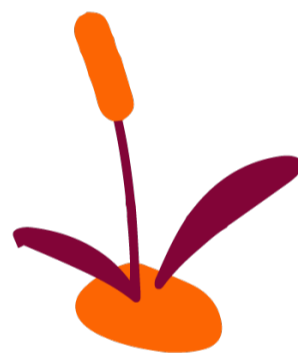
A gente não é jornalista, mas temos fontes!

1

PRA COMEÇO DE
CONVERSA

Não te assusta! Não é tão difícil de entender.

BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS



Brejo é um terreno alagado, com grande variedade de plantas e animais que vivem na água. E o que isso tem a ver? É no brejo onde a gente vai encontrar um monte de sapas reunidas! Então seja bem-vinda, querida girininha, esse é o seu lugar! Não importa onde você e suas amigas sapatonas vão se juntar pra tomar um litrão, ouvir uma MPB ao vivo e ler esse livro, quando vocês chegarem lá e tomarem conta do espaço, vai ser um brejo.

Mas o que é preciso fazer pra entrar nesse clube tão requisitado? Relaxa, você não precisa saber tocar violão, trocar um pneu ou saber o nome de todas as jogadoras da seleção feminina, você só precisa ser lésbica! E, se você não faz ideia do que significa ser lésbica, esse livro é pra você.

Muita gente acha que, pra ser lésbica, você precisa parecer o mais máscula possível e não pode chegar nem perto de um salão de beleza. Se você realmente não curte o estilo blogueirinha e prefere usar boné de aba reta, fique à vontade! Pode pegar seu caminhão e dirigir sem rumo, bem feliz. Mas, se você não tem interesse nenhum em tirar uma carteira C e prefere seguir usando saia, isso não é um problema, você ainda vai poder entrar no clubinho.

Se você está confusa sobre ser ou não ser lésbica; se você já é lésbica, mas não faz ideia do que acontece no mundo lésbico; se você não sabe que tipo de lésbica você é; ou, se você não é lésbica, mas quer entender esse universo pra não ser um embuste: bem-vinda ao brejo! Vem que a gente te conta tudo que você precisa saber.

2

TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Pequeno guia de bolso pra quem tá muito perdida.

DÁ PRA SENTIR DE LONGE O CHEIRO DO COURO



Se engana quem acha que as lésbicas são uma moda que começou nos anos 70. As sapatões existem há muito mais tempo do que você imagina. A palavra lésbica, por exemplo, surge de uma ilha grega, a ilha de Lesbos. Nessa ilha, por volta do século 7 a.C, a poetisa Safo escreveu os primeiros poemas que falavam sobre o amor e o sexo entre duas mulheres. O termo lésbica acabou sendo usado para nomear as mulheres que curtiram a ideia da Safo e aderiram ficar com outras mulheres.

Ser mulher e gostar de outras mulheres é o único pré-requisito para você ser lésbica, independente de ser cis ou trans, butch ou lady, ativa ou passiva. Sabe aquela sua amiga que usa roupas largas, gosta de futebol e não performa feminilidade? Pois é, ela pode não ser sapatão. Já alguma outra amiga com traços e comportamentos “femininos” pode estar “fazendo um Shimbalaiê” com outra menina neste exato momento e você nem percebeu!

Aliás, você mesma pode ser sapatona e só não descobriu ainda! Aquela história de que a gente nasce gays ou lésbicas e têm pistas desde a infância sobre a nossa sexualidade, não funciona pra todo mundo. Mesmo que algumas meninas já tenham nascido dirigindo um bitrem, outras só vão descobrir que gostam de mulheres lá pelos seus vinte e poucos anos (ou 30, ou 40, ou 50). Como nós só escutamos as histórias da galera que sabe desde sempre que é sapatão, as meninas que demoram para descobrir sua sexualidade acabam ficando com dúvidas sobre ela, o que pode fazer com que elas demorem ainda mais para “tirar os sapatos da caixa”.

Mas, mesmo que todo mundo parasse de falar que as lésbicas sabem desde sempre que são lésbicas, ainda temos outro problema que pode dificultar a saída do armário: a **heterossexualidade compulsória**. Com todo mundo exigindo desde sempre que você seja heterossexual, fica bem mais fácil entrar em um processo de negação sobre sua verdadeira sexualidade. Achar que é só uma fase ou que apenas uma menina em específico chamou a sua atenção, mas que logo isso passa, é algo bem comum entre as meninas que estão se descobrindo.

Entender a própria sexualidade é bem difícil e não acontece no mesmo tempo pra todo mundo. Depois de se entender lésbica, vem a parte chata: contar para as pessoas. Isso é um processo assustador e é normal que você se sinta culpada pelos seus desejos e com medo de as pessoas não entenderem o que está acontecendo com você. Mas relaxa, você não é a última da sua espécie, as lésbicas ainda não foram extintas e existem muitas meninas que passam ou passaram pela mesma situação, e podem te ajudar a lidar com as dificuldades de sair do armário.

Você pode levar o tempo que precisar para contar para as outras pessoas. Pode começar pelos seus amigos ou ir direto enfrentar seus responsáveis, pode contar pra todo mundo ao mesmo tempo ou para uma pessoa de cada vez. A única capaz de saber qual é a melhor maneira de se assumir é você mesma, afinal é da sua vida que estamos falando. Depois de gritar para o mundo que você é sapatão, sargento, fanchona, lésbica você pode começar a explorar a **dykeland** e construir sua identidade sapa da maneira que achar melhor.



Lutar por sua sapatonicidade é muito mais difícil do que a luta dos gays pela identidade viada. Muita gente acha que ser lésbica é a mesma coisa que ser gay, só trocando a Lady Gaga pela Maria Gadú, mas o rolê não é tão simples assim. Como estamos falando de mulheres, as lésbicas precisam, além de enfrentar uma sociedade heterossexista, lutar contra a cultura patriarcal.

Essa dupla de preconceitos influencia a forma como as sapatões se comportam em um mundo que as exclui de, pelo menos, dois lados. A comunidade LGBTQIA+, por exemplo, muitas vezes ignora a existência das lésbicas. Infelizmente é muito comum que em eventos LGBTQIA+ as pautas lésbicas não sejam abordadas, que lésbicas não tenham lugar em rodas de conversa ou palestras e que a luta sapatão seja desmerecida por movimentos GGGG. É por causa da invisibilização lésbica que a sigla GLBT virou LGBT, como uma reivindicação das sapatonas por mais visibilidade.

Mas não foi só o movimento LGBTQIA+ que esqueceu as lésbicas. O movimento feminista, até os anos 70 não abria espaço para pautas de mulheres homossexuais. Por mais que as lésbicas fossem toleradas nos movimentos, as feministas heterossexuais não permitiam o debate das vivências lésbicas. Elas achavam que, se abrissem espaço para as mulheres lésbicas exporem suas realidades, acabariam “manchando” a imagem do movimento feminista, que até então era totalmente branco, cisgênero, burguês e heterossexual.

Mesmo tendo sido esquecidas por tanta gente, as sapatões seguiram resistindo às opressões e lutando pelo direito de serem mulheres que gostam de mulheres. É graças a um batalhão de sapatonas convictas que lutaram durante muitos anos que você, pequena girina, pode viver toda sua sapatonicidade de uma forma muito mais feliz, mesmo que ainda não seja a forma ideal. Apesar dos pesares, você ainda precisa seguir sua vida, sapatão, então pra você não ficar tão perdida quando resolver dar um pulo no brejo, vamos falar sobre bater bolacha!

ORGASMOS FEITOS À MÃO

Toda menina lésbica já ouviu, ou vai ouvir, alguma vez na vida, uma criatura sem noção perguntando “quem é o homem da relação?”. A resposta dessa pergunta, você já deve saber: se estamos falando de um casal lésbico, é porque não existe um homem nessa relação! São duas mulheres e ponto, no máximo uma terceira menina, se estivermos falando de um casal não-monogâmico.

Essa resposta não satisfaz a curiosidade alheia porque ela é incrivelmente óbvia: você estava vendo duas mulheres juntas, então, pra que perguntar por um homem?! Geralmente essa pergunta vem acompanhada de uma outra: “Vocês não sentem falta de nada?”. A resposta é um sonoro NÃO, a única coisa que meninas lésbicas sentem falta é do silêncio que existia antes dessa pergunta.

Essas duas perguntas surgem da mesma dúvida: como funciona sexo sem um pênis. Tem muita gente, inclusive, que nem considera o sexo lésbico (entre mulheres cisgênero) “*sexo de verdade*”. Isso porque, em uma sociedade **heteronormativa e falocêntrica**, “sexo de verdade” é a penetração de um pênis em uma vagina. Até entre pessoas heterossexuais é assim: se não teve penetração a galera não considera o sexo como real.

Vamos te contar duas coisas: a primeira é que o “sexo de verdade” que tanto dizem, não passa de uma ação quase mecânica de entra e sai que, na maioria das vezes, se preocupa só com o prazer masculino. Quanta preguiça! Masturbação e sexo oral também fazem parte do sexo e, se não tiver penetração depois, isso não invalida todo o resto. Tem gente inclusive que sente mais prazer fazendo outras coisas e não tanto com penetração. A segunda coisa que a gente vai te contar pode ser um pouco chocante, então melhor buscar uma cadeira: a grande verdade que ninguém te contou é que pode existir penetração no sexo lésbico!

Além de existirem mulheres trans lésbicas que podem (ou não) fazer penetração, conta pra nós, quantos dedos você possui? Exatamente, dedos! Genial, não é mesmo? Não é preciso que a penetração seja feita por um pênis. Pode existir penetração com dedos e, se você não sabe, eles geralmente fazem um trabalho muito melhor do que um pinto. É por isso, inclusive, que se fala tanto em sapatões de unhas curtas! Cortar as unhas torna a penetração mais segura e confortável para ambas as meninas.

Pra quem não curte usar os dedos, existe uma enorme variedade de vibradores e brinquedos sexuais no mercado! A grande moral da história é que o sexo (e o mundo) não giram na volta de um bilauzinho mixuruca que ninguém liga. Por enquanto ainda não existem registros de uma lésbica que viveu e sentiu falta de “alguma coisa”. Ainda mais quando a língua de uma parceira consegue achar o clitóris que, há alguns séculos, os homens tentam descobrir onde fica, ainda sem sucesso.

Muitas pessoas nem sabem, inclusive, que existem lésbicas ativas, passivas e relativas. As meninas que, no sexo, não gostam de ter seu corpo tocado e preferem apenas dar prazer para a parceira são as ativas. As que não se sentem confortáveis tocando o corpo da outra pessoa e preferem apenas receber os toques, são as passivas. E as que se sentem bem em fazer os dois papéis, são as relativas. Não existe problema nenhum em ser ativa, passiva ou relativa, isso depende apenas de como você se sente em relação ao seu corpo e ao corpo da pessoa com quem você vai colar um velcro.

Mas esses rótulos, assim como todos os outros, vêm cercados de preconceitos e pressuposições heteronormativas. É comum que as pessoas associem a lésbica ativa com a lésbica masculinizada ou que não performa feminilidade, enquanto as lésbicas mais femininas são associadas à lésbica passiva. Isso nada mais é do que uma forma diferente de procurar um homem na relação! Já que o homem é a parte ativa de relações heterossexuais, as meninas que “parecem homens” são as ativas? Calma aí, garota! Você pode reproduzir ideias heteronormativas mesmo sendo lésbica, tome cuidado com isso!

Outro mito da sexualidade lésbica é o de que, por serem mulheres e conhecerem o corpo feminino, todas as lésbicas são ótimas de cama. Se todas as mulheres tivessem um corpo que funciona exatamente do mesmo jeito, isso talvez fosse verdade. Mas não é o caso, cada mulher sente prazer de um jeito diferente e, o que funciona para uma, pode não funcionar para outra. Para “botar as aranhas pra brigar”, é preciso conhecer o seu próprio corpo e descobrir o corpo da parceira e nisso as sapas são ótimas! Talvez seja por isso que as mulheres homossexuais tenham mais orgasmos do que as mulheres hétero: dificilmente os homens estão dispostos a se preocupar com qualquer coisa que não seja o próprio pênis.

**UMA PESQUISA FEITA NO REINO
UNIDO MOSTROU QUE MULHERES
HETEROSSEXUAIS CHEGAM AO
ORGASMO EM**

61,6%

DAS RELAÇÕES SEXUAIS,

**ENQUANTO MULHERES LÉSBICAS TÊM
ORGASMOS EM**

74,7%

DAS RELAÇÕES.

Tanto que o prazer feminino demorou muito para ser levado a sério. Até alguns poucos anos atrás, falar em mulheres sentindo prazer era um absurdo, pois só os homens tinham liberdade sexual. E mesmo que já se fale sobre sexualidade feminina, isso ainda é um tabu. Ela é reprimida de várias formas entre pessoas heterossexuais e, quando falamos de uma mulher sentindo prazer com outra mulher, o buraco fica um pouco mais abaixo.

O sexo lésbico, além de ser cercado por tabus e preconceitos, é um grande elefante cor-de-rosa que todo mundo concordou em fingir que não vê. Não falar sobre isso trouxe dois problemas: mulheres lésbicas vão menos à ginecologista do que as mulheres heterossexuais e, quando vão, encontram um atendimento despreparado e preconceituoso.

Muitas meninas lésbicas e até algumas ginecologistas acham que o sexo lésbico não transmite IST's!

*Alerta de
FAKE NEWS!*

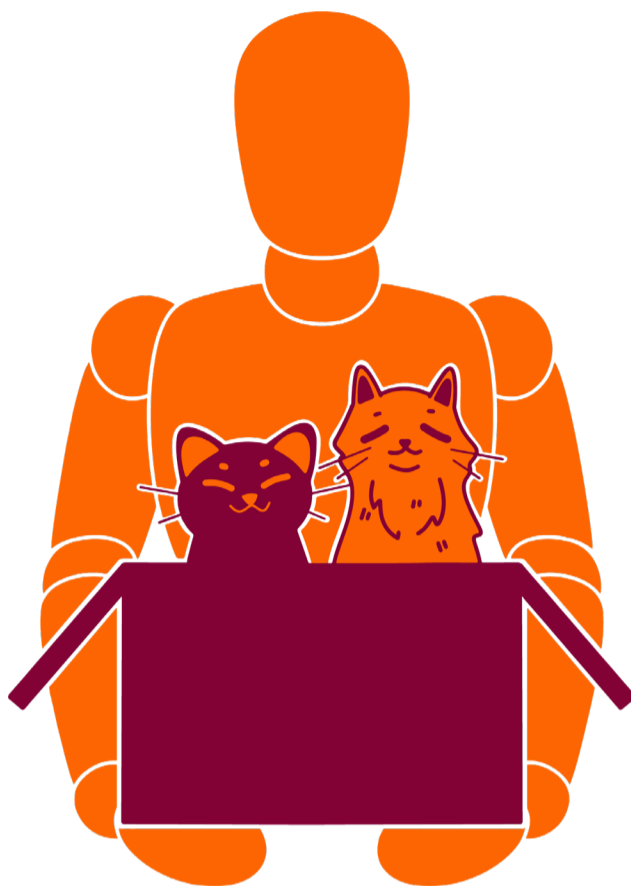


Sexo entre mulheres possui, sim, o risco de transmissão de IST's e precisa ser seguro. O problema é quando os ginecologistas dão uma receita de anticoncepcional e um pacote de camisinhas masculinas para as meninas lésbicas! Esses médicos geralmente não sabem como funciona o sexo lésbico, até porque não aprenderam isso na faculdade de medicina.

Se proteger contra IST's independe de sexualidade ou de penetração. Infecções podem ser transmitidas pelo contato direto com a pele e secreções vaginais. Até a própria menstruação pode transmitir IST's. Então, fique ligada: procure sempre o atendimento ginecológico e exija o tratamento adequado para você! E não se esqueça de limpar seus acessórios antes e depois de usá-los.

Mas nem só de sexo vivem as lésbicas, até porque elas podem ser assexuais e duas mulheres podem muito bem estar em relacionamento estável e duradouro. Dizem, inclusive, que as lésbicas já chegam no segundo encontro com a caixa dos gatos e o caminhão de mudança! O estereótipo de que lésbicas se apegam muito fácil e muito rápido é tão grande, que existe até um termo para isso:

“fazer a lésbica”.



É claro que isso é só uma brincadeira. Você pode ser uma menina lésbica e demorar quantos encontros forem precisos para começar a gostar de alguém. Como em qualquer outra sexualidade, as lésbicas podem se apaixonar, ter relacionamentos monogâmicos ou não-monogâmicos e até se casarem. Isso não depende do gênero que você gosta, mas sim, do que você quer para a sua vida. Uma família pode muito bem ser constituída por duas (ou mais) mulheres lésbicas e seus gatos, seus cachorros e, se elas quiserem, seus filhos, sejam eles adotados ou não. Maternidade não é uma coisa obrigatória, você pode ser feliz sem ter filhos. Mas, se escolher tê-los, eles vão ter mais de uma mãe! Mãe não precisa ser uma só.

Vale lembrar que meninas lésbicas não estão livres dos padrões estéticos da nossa sociedade. Fique atenta sobre qual o seu “tipo” de crush: se você só se interessa por meninas brancas e magras, você está sendo gordofóbica, racista e está contribuindo para a solidão das mulheres negras e das mulheres gordas. Ser gorda e sapatão, negra e sapatão ou negra, gorda e sapatão não pode transformar essas meninas em segunda opção. Não contribua para o sofrimento alheio, mesmo que ele não recaia sobre você.

SAPATÃO É REVOLUÇÃO



Uma das maneiras do patriarcado se manter sempre presente é criando situações que colocam as mulheres umas contra as outras, em uma competição para disputar seu lugar na sociedade ou para disputar a atenção dos homens. As mulheres são socializadas para competirem umas com as outras e não para se unirem como grupo, talvez pelo medo da força que os grupos organizados de mulheres já demonstraram ter. Chamamos essa cultura de competição de rivalidade feminina, que ensina as meninas a brigarem umas com as outras e não com os verdadeiros inimigos (o patriarcado, a heteronorma...).

Em um sistema que induz as mulheres a não se aliarem, estar em um relacionamento com outra mulher é uma forma de resistência. Além de não estarem competindo umas com as outras, as meninas lésbicas se relacionam amorosamente e não estão disputando homem algum. Quebrar a lógica da rivalidade feminina e não viver em função dos homens são atos de resistência contra um sistema patriarcal, que reage com violência às vivências revolucionárias.

Ser lésbica, por mais que seja apenas uma parte da personalidade de cada menina, é um ato político por si só. Só de não sentir desejo por outro homem, de não competir entre as manas sapas, de se ajudarem e de dizer não à dominação masculina, ser lésbica é uma resistência política que existe no seu corpo sem que você precise fazer nada sobre isso. Escolher militar, levantar a bandeira lésbica e lutar pelos direitos do grupo é uma opção totalmente pessoal.

No mundo em que vivemos, lesbofóbico e machista, lutar pelo direito da sua própria existência pode parecer parte indispensável de ser lésbica. Isso não é simplesmente uma mentira. Lutar e reivindicar a sua existência têm sido parte da identidade lésbica desde o surgimento do

feminismo lésbico, quando elas gritaram pelo seu espaço no feminismo enquanto mulheres homossexuais. Mas isso está longe de ser uma regra, você não precisa ser militante para ser lésbica.

Por mais que a luta política seja muito importante, ela tem um preço: a exposição, os riscos, a coragem de enfrentar uma sociedade inteira, incluindo pessoas que você conhece. Nem todas conseguem fazer isso e não é um problema, a própria existência dessas meninas já é um ato de coragem. Mas, se você é do tipo que acha indispensável a luta política, levante a sua bandeira, puxe seu melhor grito e lembre-se de que, se você está na luta, é por essas meninas que você está lutando também, elas não “traíram” o movimento lésbico porque optaram por não militar ou porque não foram capazes de comprar a briga.

Mas, além de amar outra mulher e de fazer balbúrdia, ser lésbica também são muitas outras coisas. Existe uma infinidade de maneiras de ser sapatão, cada qual cutucando o patriarcado da sua própria forma. O universo lésbico não é só luta política entre uma cerveja e outra! E, é lógico, como todas as coisas que desafiam a cultura dominante, o rolê lésbico está cercado de preconceitos, estereótipos e tabus que geram muita dúvida pra quem é de fora e pra quem tá começando a se entender lésbica.

ORGULHO LÉSBICO

Você sabia que agosto é o mês da visibilidade lésbica? Isso porque um rolê bem importante com as manas sapas aconteceu nos anos 80.



Durante a ditadura militar, em 1978, foi criado o primeiro grupo organizado de homossexuais aqui no Brasil, o Somos, que durou seis anos. Foi dele que surgiu a primeira auto-organização de lésbicas do Brasil, o grupo **Lésbico Feminista (LF)**. O LF deu origem ao Grupo de **Ação Lésbica Feminista (GALF)** que surgiu em São Paulo, com o objetivo de lutar pelos direitos das mulheres lésbicas e usava da imprensa alternativa da época para divulgar suas pautas e denunciar abusos.

Foi em 81 que o GALF teve a ideia de criar seu próprio jornal, o **Chanacomchana**. Esse jornal trazia textos sobre lesbianidade, feminismo, política, leis. Além disso, tinha espaço para poesias, entrevistas, informes sobre eventos, dicas de leitura e charges, e o melhor de tudo: tinha também um espaço tipo Tinder, onde as mulheres publicavam uma espécie de perfil, com nome, descrição e endereço para troca de cartas.

O jornal era vendido clandestinamente no Ferro's Bar, no centro de São Paulo, bar frequentado por mulheres lésbicas. Em função dos donos do local não permitirem sua venda, as militantes que distribuíaam o material acabaram sendo expulsas do lugar. Mas elas não ficaram caladas! Com apoio de outras feministas e de gays, lideradas por Rosely Roth, em 19 de agosto de 1983, as integrantes do GALF fizeram um protesto em frente ao bar paulistano e conseguiram acabar com a proibição após ações na justiça, que permitiram a venda livre do Chanacomchana. Esse ato teve alcance nacional e foi comparado à Revolta de Stonewall.

Treze anos depois, o dia do protesto se tornou o Dia Nacional do Orgulho Lésbico. Atualmente, o dia 19 de agosto representa a ideia de respeito e valorização do orgulho das mulheres lésbicas. Mas qual a importância do orgulho lésbico?

É importante reconhecermos a história e luta das mulheres lésbicas, sua caminhada pela conquista de direitos, de (auto)aceitação e respeito. No final do dia, depois de ter enfrentado toda uma sociedade que te oprime de todos os lados, depois de ouvir gente chata falando besteira no

seu ouvido e dizendo que você não é válida, você merece, sim, se orgulhar de ser sapatão e de resistir a todos os preconceitos contra os quais você luta.

LESBOFOBIA: PARA QUE TÁ FEIO!

talvez você não saiba, mas muitas meninas lésbicas ficam incomodadas com o uso da palavra “gay” para se referir a elas. Isso é diferente nos Estados Unidos, por exemplo, onde a palavra gay é utilizada para as meninas e os meninos gays. Mas por que isso é diferente no Brasil? A comunidade lésbica brasileira prefere um rótulo que seja mais representativo da sua própria vivência e não apague sua existência, pois, se usarmos a palavra “gay” sem apontar que a pessoa é uma mulher, pressupõe-se que estamos falando de um homem gay. Mas não é só isso: as sapatões vivem coisas muito diferentes dos homens gays exatamente por serem mulheres.

Além de desafiarem a heteronorma e estarem com outras mulheres, as lésbicas ainda enfrentam o patriarcado e o machismo. É por isso que, quando falamos do preconceito contra as meninas lésbicas, falamos em lesbofobia e não em homofobia; o cruzamento entre esses dois sistemas de opressão, acaba em um rolê completamente diferente.

Ser lésbica em uma sociedade lesbofóbica pode ser um grande desafio. Expressar seu afeto em público é um ato de coragem, já que não é pouco comum que as pessoas olhem um casal lésbico com cara feia, xinguem e até mesmo batam nas meninas no meio da rua. As meninas escutam xingamentos como “maria sapatão” e “mulher macho” por todos os lados, de pessoas desconhecidas ou até mesmo de familiares e “amigos”. Entre os xingamentos, o campeão do absurdo é a palavra “machorra”. Mesmo que alguns xingamentos possam ser ressignificados, como “bicha” e o próprio termo sapatão, “machorra” parece bem longe

de se tornar um termo aceitável, então, evite usá-lo com qualquer pessoa.

E não é só na rua que a lesbofobia aparece. Atitudes lesbofóbicas podem acontecer dentro de casa, pelos responsáveis, irmãos ou qualquer parente. É comum que, quando uma menina se assume lésbica, ela tenha sua sexualidade questionada a todo momento. “Isso é só uma fase”, “você só é assim porque nenhum homem te pegou de jeito”, “você só está assim por causa das amizades ruins” são frases que se escuta dentro de casa e que podem fazer você questionar se é realmente lésbica. Mas fica tranquila: sua sexualidade não é uma fase e muito menos influência de amigas “feminazis”, ser lésbica é parte de quem você é, não precisa ter vergonha disso.

Existe também o medo de ser expulsa de casa quando seus responsáveis descobrirem que você é sapatão. Se eles já demonstraram serem do tipo que não aceitam de jeito nenhum a sua sexualidade, você pode esperar até ser independente para, então, contar para eles. Enquanto isso, busque apoio com as suas amigas, sejam elas meninas hétero ou pessoas LGBTQIA+, que podem te entender e te ajudar. As famílias não precisam ter laços sanguíneos, desde que haja amor e apoio entre as pessoas que você escolheu ter perto de você.

Por mais que algumas violências lesbofóbicas atinjam todas as meninas, nem todas as lésbicas sofrem o preconceito da mesma forma. Quando falamos, por exemplo, da expressão de gênero, existem diferenças entre a lesbofobia contra as butches e contra as ladys. Por serem mulheres femininas, as ladys encaram uma sociedade machista que objetifica seus corpos e vê um casal lésbico como um “agrado” para os homens.

O nome disso é fetichização lésbica, quando um casal de sapatilhas é visto como um fetiche masculino. Frases como “posso participar” ou “eu também sou lésbico, não querem me convidar da próxima vez?” são ditas por homens que veem as meninas como dois objetos que servem para dar prazer para eles. A forma mais escancarada de fetichização lésbica é a pornografia. Os filmes pornôs lésbicos são

pensados para dar prazer aos homens, que são o público que mais consome esse tipo de material. Cenas que hiperssexualizam as mulheres, que não mostram o sexo lésbico como ele realmente funciona e que dificilmente são feitas por mulheres lésbicas reforçam a ideia de que os casais de mulheres existem para satisfazer fantasias masculinas.

Por outro lado, são as caminhoneiras que sofrem o preconceito mais escrachado porque fogem completamente da heteronorma. É comum falarem coisas como “você quer ser um homem? Então vamos te tratar como um.” Isso quer dizer, em bom português que, por serem masculinizadas, as sapatões butch “merecem” apanhar e são elas que mais sofrem violência física. Diferente das sapatilhas, que são fetichizadas, as butches são vistas com nojo por uma sociedade heteronormativa que as despreza.

As caminhoneiras também são as que correm maiores riscos de sofrerem estupro corretivo, ou seja, quando um homem estupra uma sapatão para transformá-la em “mulher de verdade”. Esse crime acontece por causa de uma sociedade falocêntrica que acredita que, se uma mulher masculinizada for penetrada por um pênis, isso pode “corrigir” o seu comportamento.

A lesbofobia possui vários níveis de violência, desde olhares tortos até o seu limite, quando mulheres são assassinadas por causa da sua sexualidade. O lesbocídio, infelizmente, não é contabilizado por nenhum órgão oficial e é muito difícil termos números reais de quantas meninas lésbicas são vítimas de lesbocídio todos os anos.



3

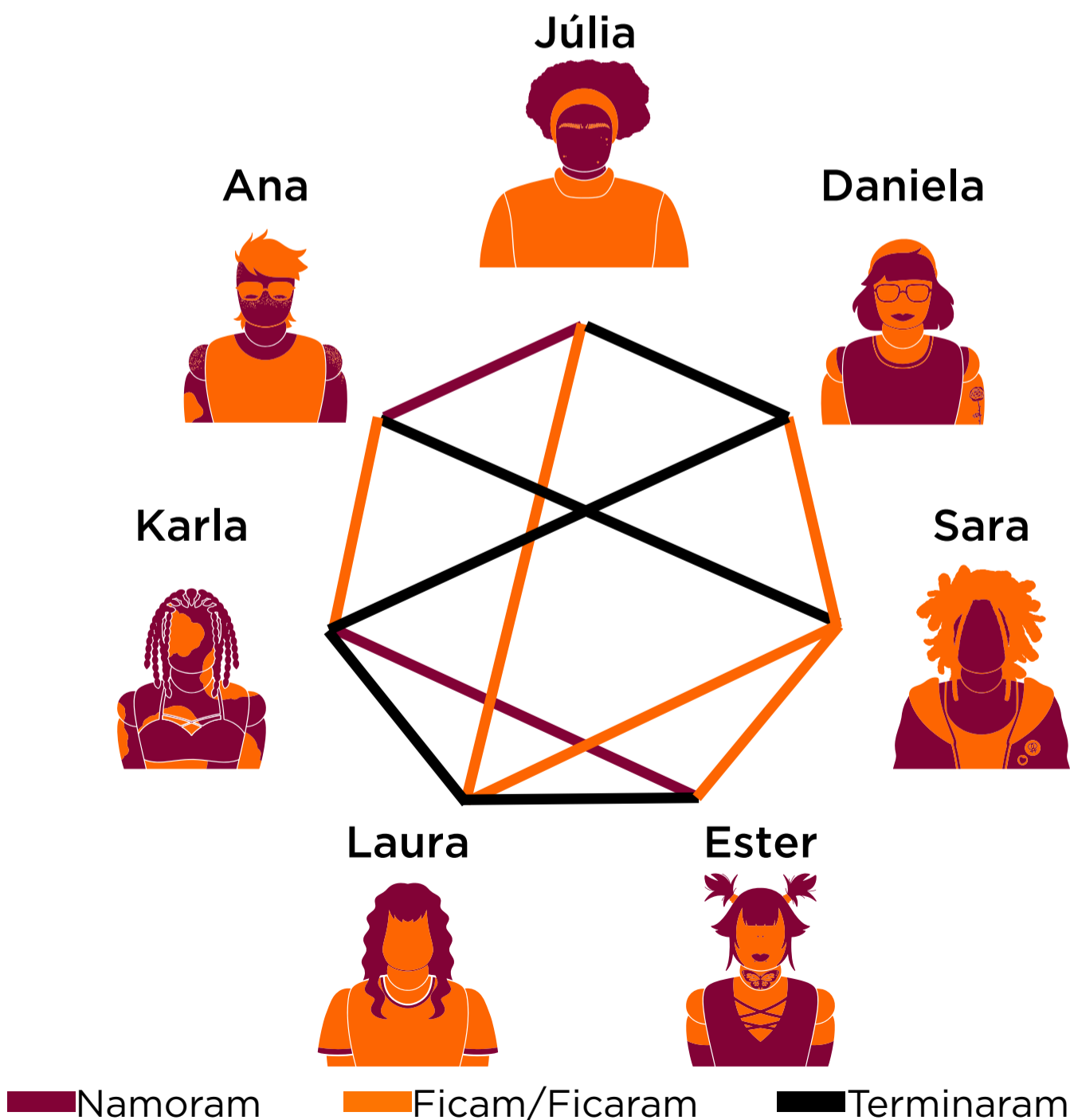
NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA

Rebuceteio: é de dar nó na cabeça!

REBUCETEIO

Você já ouviu o termo rebuceteio? O rebuceteio, ou rebuciranda, é o ciclo inevitável onde você namora uma menina, que já pegou a sua ex, que atualmente pega a ex da sua atual que já ficou com você. Pareceu complicado? É porque é complicado mesmo! Acontece que o brejo é, definitivamente, pequeno demais pra tanta sapa. Mas, se organizar direitinho, todo mundo se pega e as sapatões sabem organizar o rolê como ninguém.

Pra ajudar você a entender um pouco melhor, vamos acompanhar de perto o rebuceteio dessas sete meninas, onde todo mundo já beijou a boca de todo mundo, pelo menos por tabela.





Júlia

- namorada da Ana; ex da Daniela e já pegou
- a Laura



Ana

- namorada da Júlia; ex da Sara e já pegou
- a Karla



Daniela

- ex da Karla e da Júlia; pega a Sara
-



Sara

- ex da Ana; pega a Daniela e a Laura
-



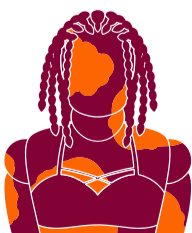
Ester

- Namorada da Karla; ex da Laura e já pegou
- a Sara



Laura

- ex da Ester e da Karla; já pegou a Júlia e
- atualmente fica com a Sara



Karla

- namorada da Ester; ex da Daniela e da
- Laura e já pegou a Ana

BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS

4

CAÔ X FATO

Os vários jeitos de ser lésbica.

ESTEREÓTIPOS

A gente costuma achar que estereótipos são uma coisa negativa que deveria ser abolida. Isso não é mentira: estereotipar pessoas ou grupos e tirar conclusões precipitadas a partir desses estereótipos não é algo legal e reduz a vivência de grupos inteiros a uma imagem preconceituosa.

Mas os estereótipos não são necessariamente os vilões da história. Eles podem funcionar como uma ferramenta para grupos minoritários construir uma identidade conjunta e poderem se afirmar enquanto grupo dizendo “nós somos assim, respeitem”. Padrões de vestimenta, modos de gesticular, gírias, são coisas que, quando usadas por determinado grupo, ajudam as pessoas a se identificarem com ele. Vamos combinar que isso não é uma coisa ruim, afinal, quando você está se descobrindo sapatão, é muito bom saber quem são as suas iguais.

Os estereótipos estão por toda parte. Todos os grupos têm os seus e é quase impossível você ser uma pessoa com zero estereótipos. O mundo lésbico não é diferente e existem vários estereótipos sobre o que é ser lésbica. Você conhece algum desses abaixo?

BUTCH

As caminhoneiras ou butches são as lésbicas masculinizadas que têm postura firme e não performam nem um pouco de feminilidade. Raspam o cabelo, usam pochete e estão sempre preparadas pra trocar um pneu. Todo mundo conhece uma caminhoneira e, se você não conhece nenhuma, provavelmente é você mesma que está na boleia!



LADY

Se você não faz o estilo butch e prefere performar feminilidade, gastar sua grana com *Natura* e usar salto alto, você é uma lady, femme ou sapatilha. Algumas pessoas acham que as sapatilhas são menos lésbicas porque performam feminilidade. Essa gente não entende nada sobre o mundo sapatão!

SOFT

Se você não se sente confortável com as masculinidades mas também não gosta da feminilidade imposta, relaxa, o mundo das sapas tem lugar pra você também! Meninas que não curtem usar coturno e cabelo curto mas também não são fãs de salto alto e maquiagem e preferem a linha blusinha e All Star, se encaixam em vários “tipos” de lésbica: soft butch, butchy femme, femmy butch ou, simplesmente, sapatão! O rótulo que você vai adotar depende apenas de você.

Mas os estereótipos não se esgotam na imagem das lésbicas. Existem estereótipos sobre os relacionamentos das sapas. Além da ideia que as sapatões se casam no segundo encontro, como a gente já comentou, existe outro estereótipo que é um grande caô!

Caminhoneiras sempre se relacionam com as ladys!

Eita! Calma lá né gente! Isso nada mais é do que a **heteronormatividade** na cabeça das pessoas. Lembra que tá todo mundo procurando um homem da relação? Pois é, a galera gosta de pensar que as butches fazem esse papel. Mas, como a gente já mencionou e vai repetir: não existe homem em uma relação lésbica! Ladys podem se relacionar com ladys e caminhoneiras podem se relacionar com caminhoneiras, afinal, elas gostam é de mulheres!

É sempre importante lembrar que os estereótipos são socialmente construídos. As butches, as ladys e todos os

outros “tipos” de sapatão só existem porque a comunidade lésbica se apropriou desses nomes e desses estereótipos, mas já eram lésbicas antes deles existirem. No final das contas existem mil e uma maneiras de ser lésbica e você pode experimentar todas até achar o estilo que te deixa confortável. Para ser lésbica de verdade, afinal, você só precisa gostar de outras mulheres, independente do estilo delas e do seu. Não precisa comprar todo o estoque de camisa xadrez da sua cidade!

Dizer que lésbicas são, necessariamente, desse ou daquele jeito é uma grande bobagem! O fato é que lésbicas podem ser o que elas quiserem. Não existe um livro de regras e condutas que toda sapatão deve seguir, você é livre para ser do jeito que quiser ser.



BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS

5

BABADO FORTE

Gírias e símbolos para conhecer o universo sapatônico mais de perto.

GÍRIAS

Agora que já trocamos uma ideia sobre várias coisas importantes da sapatolândia, chegou a hora de falarmos de algo indispensável para sua comunicação no brejo: as gírias sapatônicas.

Brejo, por exemplo, você já conhece: o ponto de encontro de um grupo de amigas lésbicas, também conhecido como **dykeland** (dyke significa lésbica em inglês) ou **sapataria**.

Aliás, quantas maneiras de dizer sapatão você conhece? **Fancha, sargento, shimba e sapa** são algumas das várias maneiras de dizer “lésbica”.

Você deve ter reparado na palavra **girina** que a gente usou nesse livro. As girinas são as sapas que recém se descobriram e estão começando a entrar no mundo sapatão. Elas não são necessariamente meninas novas, só são novas no rolê. Uma girina pode tanto ser uma **sapateen** como uma **sapatia**, afinal, nem todo mundo se descobre na mesma idade.

Para o alívio das girininhas, existem as **lésbicas pedagogas**, prontas para ensinar tudo que elas precisam saber sobre o universo lésbico, incluindo o sexo, desde que entre duas adultas que deram consentimento!

Às vezes acontece de uma girina ficar **embucetada** pela sua pedagoga. Isso quer dizer ficar apaixonada! Agora, quando essa paixão é em função da maravilha que a parceira foi na cama, a gente chama de **amor de xoxota**. Isso acontece muito com a **sapa alpha** que é aquela sapatão que ninguém resiste. Quando ela chega na balada todas ficam babando por ela, porque todo mundo quer a **pepeka de ouro**. A sortuda que conseguir prender a atenção a alpha, pode se preparar pra **bater bife, colocar a aranha pra brigar, colar velcro, bater bolacha, beber leite no pires e comer danoninho sem colher!**

SÍMBOLOS

Mesmo que a bandeira arco-íris seja o símbolo da comunidade LGBTQIA+ como um todo, é muito comum que ela seja associada apenas aos gays, ou primeiro aos gays e depois ao “resto”. Isso fez com que as LGBTQIA+ criassem seus próprios símbolos, garantindo visibilidade própria. As lésbicas foram as primeiras a fazer isso, graças ao feminismo e à militância lésbica. Dá uma olhada em alguns dos símbolos que representam a comunidade sapatão:

BANDEIRA

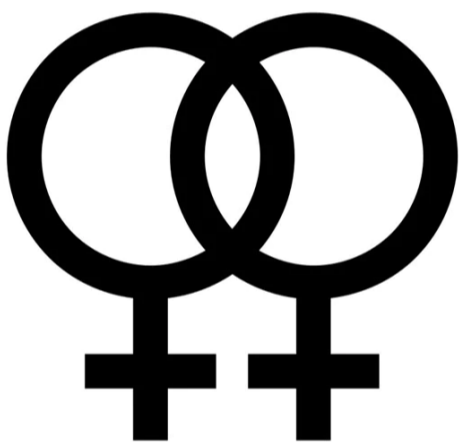
A primeira bandeira lésbica foi feita em 2010 pelo blog This Lesbian Life. Apresentava um espectro de cores do rosa ao vermelho com uma marca de batom, representando as lésbicas que performam feminilidade (lipstick lesbian é o nome em inglês para chamar as lésbicas femininas que usam batom). Em algum momento da história alguém, que não se sabe quem, tirou a marca de batom da bandeira, tornando ela mais representativa para todas as lésbicas.





LABRYS

A antiga deusa grega da colheita e da fertilidade, Demeter, era retratada com um tipo de machado nas mãos, o Labrys. Ele simbolizava força e autossuficiência. Alguns rituais de adoração à deusa envolviam o sexo lésbico, o que fez com que muitas associações lésbicas dos anos 70 usassem o Labrys como símbolo de força na luta pelos direitos lésbicos. O símbolo também é associado com sociedades matriarcais e com as amazonas, guerreiras que viviam em sociedades governadas por mulheres.



DUPLO VÊNUS

O símbolo de Vênus, quando sozinho, representa a mulher e é muito utilizado no movimento feminista. Quando ele existe em par com outro Vênus, é um dos mais populares símbolos lésbicos.



TRIÂNGULO NEGRO

Diferente dos outros símbolos, o triângulo negro invertido foi marcado nas lésbicas contra a sua vontade. Era ele que, durante a Segunda Guerra Mundial nos campos de concentração nazistas, identificava feministas, prostitutas e lésbicas como mulheres inaptas a conviver em sociedade. Após a segunda guerra mundial, alguns movimentos lésbicos começaram a adotar o símbolo e a ressignificá-lo, tornando-o uma imagem representativa da comunidade lésbica.

BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS

6

PRA NÃO DAR
CLOSE ERRADO

Pra quê essa briga?

NÃO SEJA MARIA BINDER

Algumas meninas lésbicas, principalmente as que seguem a linha do feminismo radical, brigam muito com o movimento trans. Elas acreditam que o movimento T força as meninas lésbicas a ficarem com o que elas chamam de “machos de saia”. Por mais que o movimento trans tenha seus problemas, dizer que mulheres trans são homens vestidos de mulher é extremamente transfóbico.

É lógico que você não é obrigada a ficar com nenhuma pessoa, mas você já parou pra pensar que as mulheres trans lésbicas acabam enfrentando os problemas da solidão, exatamente por causa de discursos como esse? Ser mulher não significa ter uma vulva! Existem mulheres com pênis e existem mulheres com pênis que gostam de outras mulheres. Essas meninas são seres humanos que nem você e merecem receber amor como qualquer outra pessoa.

Se você se recusa a ficar com mulheres trans, é porque você gosta de pepekas e não de mulheres. Gostar de uma pessoa por causa da sua genitália é um problema, porque você acaba reduzindo todas as pessoas com quem você se relaciona a um único órgão. Ser “vulvossexual” pode acabar em outro problema: meninas lésbicas que ficam com homens trans por causa da pepeka e desmerecem toda a identidade dessa pessoa: as Marias Binder.

Essas meninas, geralmente, começam a ficar com os garotos antes da transição. É comum que elas desrespeitem o pronome de tratamento, o nome social e toda a identidade desse menino. Esses relacionamentos são extremamente abusivos! As meninas que fazem isso desmerecem toda a existência dos meninos trans e tentam tratá-los como as suas namoradas. Mas eles não são namoradas! Eles são homens! Também é muito comum que, logo que os meninos começam a transição hormonal, essas garotas

briguem com eles e terminem o relacionamento, tornando toda a transição muito mais difícil.

Gênero não tem a ver com sexo biológico. Uma coisa é uma coisa, a outra coisa é outra coisa. Não associe pessoas a genitálias! Se você não se sente confortável em ficar com mulher trans, a gente entende. Você tem todo o direito de sentir repulsa do falo, de não conseguir lidar com algum tipo de trauma que envolve o pênis, etc. Se esse for o caso, você não precisa negar a identidade das mulheres trans; apenas diga um respeitoso “não” quando alguma pedir pra ficar com você. Não precisa ser uma embuste com outro ser humano, apenas fique na sua.

Se você por acaso conhecer uma pessoa super legal, se apaixonar por ela ou só ter interesse em dar uns beijos e acabar descobrindo que é um menino trans, você tem duas opções: ou você desiste da ideia, afinal você é uma mulher que gosta de mulheres e ele não é uma mulher ou; você segue ficando com essa pessoa e reconhece que está ficando com um homem! Se você está ficando com um homem trans, trate ele como o homem que ele realmente é: use pronomes masculinos, respeite seu nome social e, principalmente, apoie essa pessoa durante sua transição.

A luta do movimento lésbico não vai contra a luta do movimento trans! Se a sua militância influencia o sofrimento de outras pessoas, ninguém está lutando por liberdade. Lidar com pessoas trans sendo lésbica e lidar com lésbicas sendo uma pessoa trans, não é difícil: é só as lésbicas respeitarem a identidade de gênero das pessoas trans enquanto elas respeitam a vida das meninas lésbicas. O que não pode acontecer é rolar transfobia e lesbofobia dentro da comunidade LGBTQIA+! Afinal, nossos aliados não deveriam ser nossos inimigos.

BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS



BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS

7

PRA COLAR NA
PROVA

Palavras grandes nem sempre são difíceis!

- * **Falocentrismo-** a ideia de superioridade masculina em função do valor no falo, o conceito de uma sociedade que gira em torno do pênis.
- * **Heteronormatividade-** existem um conjunto de padrões de comportamento, vestimenta, posturas, gostos que são socialmente impostos para que as pessoas não apenas sejam heterossexuais, mas pareçam ser hétero (mesmo que não sejam).
- * **Heterossexismo-** é a pressuposição geral de que todo mundo é, ou deveria ser, hétero. Um exemplo disso são os materiais escolares, que só falam sobre casais/relações heterossexuais.
- * **Heterossexualidade compulsória-** é o reforço e a disseminação midiática do heterossexismo. Pode acontecer também como uma invisibilização de pessoas LGBTQIA+ na escola, na família, na igreja, nos personagens fictícios.
- * **IST-** sigla utilizada para Infecções Sexualmente Transmissíveis. A terminologia IST substituiu DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) para apontar a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sintomas aparentes de uma doença.



8

PRA STALKEAR
GERAL

Se você também acha que maratona de séries
é esporte, sim.

FILMES



Amor por direito



2015

Direção: Peter Sollett

Sinopse: A policial Laurel Hester está em um relacionamento com Stacie Andree, uma mecânica de Nova Jersey. Quando Laurel é diagnosticada com uma doença terminal, as duas começam a lutar pelo direito de Stacie receber pensão da polícia após a morte de Laurel.

Flores raras



2013

Direção: Bruno Barreto

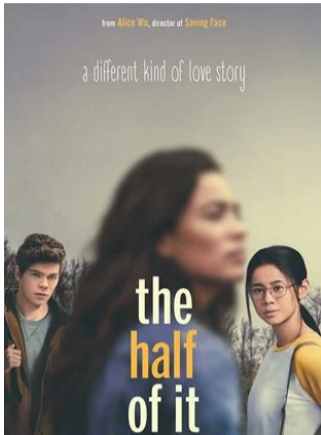
Sinopse: Baseado em uma história real, o filme conta a história de amor entre Elizabeth Bishop, uma poetisa americana e Lota de Macedo, uma arquiteta brasileira, entre os anos de 1950 e 1960 no Brasil.

Você nem imagina

2020

Direção: Alice Wu

Ellie Chu é uma aluna deslocada, que vende lições de casa para seus colegas para ajudar nas despesas de casa. O jogador Paul pede, então, que ela escreva uma carta de amor para sua crush, por quem Ellie é secretamente apaixonada.

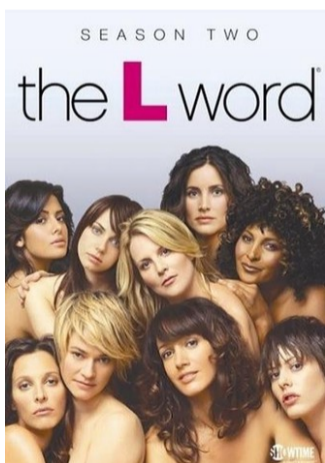


SÉRIES

The L Word (2004)

Ilene Chaiken

Sinopse: Jenny é recém-formada pela Universidade de Chicago, e se muda para LA para morar com seu namorado Tim, que acabou de começar uma carreira profissional como escritor. A vida de Jenny dá uma reviravolta quando ela conhece as vizinhas Bette e Tina um casal que está prestes a começar uma família, após sete anos juntas. Em uma festa, Jenny encontra Marina, a dona de uma cafeteria local, e de repente seu impulso a faz começar a questionar a própria sexualidade.



Feel good (2020)

Mae Martin, Joe Hampson

Sinopse: Mae Martin é uma humorista canadense que acabou de se mudar para Londres. Mae começa um novo relacionamento e, além de ter de lidar com a nova rotina, precisa lidar com os problemas do vício e da sobriedade.



Everything Sucks (2018)

Ben York Jones, Michael Mohan

Sinopse: Em Boring, Oregon, um grupo de adolescentes frequenta a escola Boring High School nessa paródia da cultura adolescente dos anos 90.

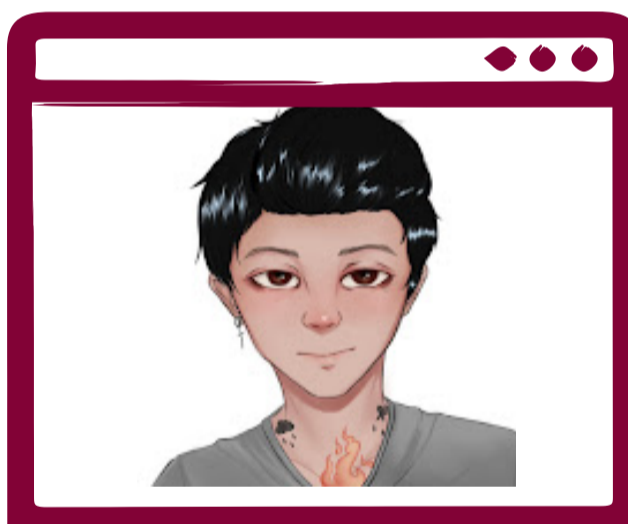


CANAIS



Louie Ponto

<https://www.youtube.com/c/louieponto>



SAPATOMICA

<https://www.youtube.com/@SapatomicaTV>

BEM-VINDA AO BREJO!
UTILIDADES SAPATÔNICAS

9

NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?

A gente não é jornalista, mas temos fontes!

ABGLT. **Manual de comunicação LGBT.** Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunicação-LGBT.pdf>> Acesso em 25 abr 2019.

ARC, Stéphanie. **As lésbicas: mitos e verdade.** São Paulo: Edições GLS, 2009.

BRASIL/Ministério da Saúde/Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa/Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/mulheres_lesbicas_bissexuais_direitos_saude.pdf> Acesso em 23 mai 2019.

CABRAL, Raíssa Éris Grimm. **Escrever-se travesti, reescrever-se sapatão: um recorrido sobre corpos e afetividades insubmissas.** In: SOARES, Mayara Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais (orgs.). *Lesbianidades plurais: abordagens e epistemologias sapatonas.* Salvador-BA: Editora Devires, 2019. p. 19-27.

CANAL DAS BEE. **Gírias lésbicas.** 2019 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sdDALlvtwik&t=160s>> Acesso em 26 jul 2019.

CARTA CAPITAL. **Nós, lésbicas, seguimos fetichizadas nas ruas e na mídia.** 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/nos-lesbicas-seguimos-fetichizadas-nas-ruas-e-na-midia/>> Acesso em 09 mai 2019.

FACCHINI, Regina; BARBOSA, Regina Maria. **Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas: Promoção da Eqüidade e da Integralidade.** (folheto) Editora: REDESAÚDE, 2006. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/dossie_da_saude_da_mulher_lesbica.pdf> Acesso em 22 jul 2019.

GARCIA, Justin R.; LLOYD, Elisabeth A.; FISHER, Kim Wallen, Helen E. **Variation in Orgasm Occurrence by Sexual Orientation in a Sample of U.S. Singles.** The Journal of Sexual Medicine. vol. 11, p. 2645-2652, nov. 2014. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jsm.12669>> Acesso em 17 jul 2019.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Precisam as lésbicas de identidade?** In: SOARES, Mayara Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais (orgs.). Lesbianidades plurais: outras produções de saberes e afetos. Salvador-BA: Editora Devires, 2019. p.110-118.

STOP HOMOFOBIA. **Símbolos e seus significados na cultura LGBT.** 2011. Disponível em: <<https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/11/simbolos-e-seus-significados-na-cultura-lgbt/>> Acesso em 22 jul 2019.

TEIXEIRA, Keicyane. **Fragmentos da lesbofobia.** 2017. Disponível em: <https://issuu.com/keicyanemayalle/docs/visualiza___o_fragmentos_da_lesbof> Acesso em: 25 abr 2019.

VILLA, Isabela. **Por que 29 de agosto é o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica?** 2018. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/por-que-29-de-agosto-e-o-dia-nacional-da-visibilidade-lesbica/>> Acesso em 02 jun 2019

ZILEC, Helena. **Pequenas histórias da arte: Safos de lesbos. Capitolina.** 2014. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/pequena-historia-da-arte-safo-de-lesbos/>> Acesso em 09 mai 2019.



SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

**Este livro digital foi escrito e
produzido entre
2018-2024.**

**Utilizou as fontes da família
Gotham, Black Rider e MV Boli.**